

DA Marechala de Lebfvre, que Sardou imortalizou atribuindo-lhe o apelido de Madame Sans Gêne, não inventado para ela, escrevia, desapontada Madame de Chastenay, depois de a ela ter sido apresentada: "... je la croyais autrement... D'ailleurs l'esprit français est partout..." O mesmo sentimento se apossou de nós ao assistirmos à "Tragédia Carioca", do poeta, jornalista, homem de cinema, compositor popular e crítico de jazz, Vinício de Moraes. Mas o que em França foi motivado pela discricção que se impôs àquela de quem Napoleão dizia não ter deslustrado o título a que fôra alçada, e sim que o dignificara ainda mais em virtude das suas qualidades pessoais de honradez, modestia e finura natural, aqui o foi pela desmesurada e ruidosa propagação que se fêz de um espetáculo que, afinal, resultou descosido, cansativo, amorfo difícil de definir-se. Para a realização dessa confessada experiência, o Sr. Vinício de Moraes não se quis valer de conhecimentos adquiridos por outros de maior prática teatral, e, confiando tão só no valor da sua poesia, realmente intensa e humana, repetiu o erro de conhecido homem de teatro, a quem muito deve o cultivo e o desenvolvimento da arte dramática entre nós, que já confessou: "Comecei escrevendo peças com 150 personagens..." Mais modesto, o Sr. Vinício de Moraes escreveu o "Orfeu da Conceição" para um elenco de apenas 45, e procurou reunir, num todo, tôdas as belas artes: poesia, oratória, canto, música, bailados, arquitetura, desenho, colorido, mas tudo isso não dosado, aos borbotões, atabalhoadamente. Tirante o bellissimo cenário de Oscar Niemeyer, também confessadamente estreante em trabalhos de teatro, mas cujo talento sobrepujou as dificuldades, apresentando algo de novo, de linhas sóbrias, expressivas e harmônicas, funcional e evocativo, em que se alia, a um só tempo, ao infinito do céu a sufocante pequenez do barraco de morro, tudo o mais se ressentiu de falta de visão. O próprio texto, de grande lirismo, está inçado de expressões vulgares e grosseiras, não escapando sequer o emprêgo das palavras de suburra, tão do agrado de certos autores de hoje, que pensam dar com elas um tom de autenticidade e realismo, não conseguido com a expressão do seu talento. A linguagem teatral tem normas próprias, que, quando infringidas, vingam-se negando o efeito ambicionado. Haja em vista o princípio do terceiro ato, a comvente cena vivida pela Sra. Zeni Pereira (Clio), prejudicado todo o esforço da intérprete pela dificuldade irremovível da insistente repetição da frase "Qué-praqueu" a cortar a intensidade da emoção que da mais pungente contrição a leva à blasfemia, à loucura, à morte. Para dirigir essa peça de grandiosidade procurada, era necessário um pulso mais forte que o do Sr. Léo Jusi, o qual, desprezando sutilezas merecedoras de maior penetração e valorização, buscou relêvo em marcações de gôsto duvidoso, como o idílio de Orfeu (Sr. Haroldo Costa) e Eurídice (Sra. Dayse Paiva); na exaltação calipígica dos "maiorais do Inferno", cujas malhas côr de carne seriam condenadas em qualquer teatro de revista, e das "Fúrias", nos segundo e terceiros atos, respectivamente; e também no uso inadequado de luzes, ora deixando no escuro os rostos dos artistas, decapitando-os, ora exibindo cruamente a displicência de quem, terminada a sua parte, indiferente, deixa o palco; e ainda no desenho de personagem totalmente estranho ao nosso meio e que se diria extraído de filme norte-americano. De tudo, só nos restou a melancolia de constatar tanto elemento positivo perdido, mas, também, a esperança de um resgate com a nova produção que o grande poeta patricio nos promete.